

# Nobre Caçador

Nobre caçador!!!

01

Espera o galo cantar,  
Cedinho, de madrugada,  
Com seu bisaco e a espingarda,  
A quartinha e o borná  
Com a munição preparada  
Ele sai para a caçada.  
Bem antes do sol raiar

02

Pendurado no armador  
Apaga o velho candeeiro,  
Se aquece no fogareiro  
Em lugar do cobertor  
Acende o seu brejeiro,  
E chama o fiel escudeiro  
Amigo e bom farejador.

03

Com muita coragem e fé,  
Sempre cheio de esperança,  
E abençoa as crianças,  
Se despede da mulher,  
E lhe diz: pode ter certeza,  
Que ainda hoje em nossa mesa,  
Tem comer, se Deus quiser.

04

Fazendo o sinal da cruz,  
Começa a sua jornada,  
Nas vestes amarrotada,  
Aonde o bom Deus lhe conduz,  
E passada por passada  
Embrenha a mata fechada,  
Tendo a lua como luz

05

Acomoda a munição

Dá de garra da espingarda

Aos santos pedindo guarda

E a Deus pai a benção

Com a filharada dormindo

E o quebrar da barra já vindo

Dar-se início a sua missão

06

Um disparo, um destampido,

Sempre no alvo certo,

Corre o fiel companheiro,

Acuado e destemido,

E estando sempre em alerta

Aponta o caminho certo

No soar do seu latido

07

Soca a pólvora com cuidado  
Prepara mais um disparo  
O dia já está bem claro  
Mas se dar por vencido  
Com sol bastante esquentado  
Quase morto de enfadado,  
Um descanso é merecido

08

Resvala o dedo na testa,  
Encharcada de suor  
Acompanhado da réstia,  
Entre garrancho e cipó,  
E ele vai caminho a fora,  
Contando hora por hora,  
Com a ajuda do sol.

09

Ali mesmo pelo aceiro  
O velho caçador cai  
Enquanto o dia se vai ,  
De folhas faz travesseiro  
E onde pássaros fazem a farra,  
Cochila ao som da cigarra,  
Na sombra de um juazeiro

10

Com o rosto enrubescido  
Tocado pela réstia quente  
O velho homem valente  
Levanta-se decidido,  
Respira fundo...e vai em frente,  
Já com o sol no poente,  
E mais um dever cumprido.

11

Toma o caminho de volta,  
Um pouco menos cansado,  
Com seu amigo ao lado,  
E seu bisaco nas costa  
O corpo exausto e suado  
E os pés doído e inchado,  
Se esconde nas velhas botas

12

Mal consegue se agüentar  
Em casa quase chegando  
E todos já lhe esperando  
Bem na hora do jantar,  
Toma banho e uma cachaça,  
E como ele se foi de caça?  
Todos vem lhe perguntar,

13

Diz: até que não foi má.  
E ai com ar de graça,  
Não sou homi de trapaça  
Quem quiser acreditar  
Com esta espingardinha,  
Matei mais de cem rolinha,  
Só até o clarear.

14

E ainda pra completar,  
Achando a caça ainda fraca,  
Inda matei dez tacaca  
Seis peba e trinta preá.  
E de quebra umas nambu,  
punaré, tijuassú  
Que nem cheguei a contar.



15

Mas pra incurtar a história  
Isso pra mim não foi nada  
Pois o mió da caçada,  
Eu vou lhe contar agora.  
É que já o sol se descambando  
Já quando estava vortando  
Quase joga a caça fora

16

É que depois de algumas  
hora, No aceiro do caminho  
Eu vi que não tava sozinho  
Eu lhe falo sem demora  
Vi uma figura me oiando  
Lhe digo me arripiando  
Tá lá o tal caipora

17

Disse meu Deus - é agora.  
Com as perna intramelada  
Fiquei uma estauta parada  
Juro por nossa senhora  
Mas só me fez um afago  
E só me pediu trago  
E saiu de mata afora.

18

Se é lenda ou se é fato,  
Este é o mundo seu,  
Aqui nasceu e morreu  
Velho sertanejo nato,  
O bicho-homem valente  
Este excêntrico vivente  
Que nem o nome aprendeu,

Bravo homem do sertão,  
Calejado e verdadeiro  
Que de janeiro a janeiro  
Diante da precisão,  
Faz disso arte e profissão  
De corpo e alma se deu  
Do nascer ao apogeu,  
Na vida é diplomado,  
No sertão tem doutorado,  
Filho de Deus como eu.

FIM